

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Liberal

Class.: 23

Data: 12/09/80

Pg.: _____

Índios acusam invasão e negam ter queimado casas do fazendeiro

Um grupo de indigenistas apresentou, ontem, depoimentos gravados aos repórteres que compareceram ao Sindicato dos Jornalistas, onde foi promovida uma entrevista coletiva pelos quais "os índios Tembés não estavam com disposição de atacar nenhum colono. Eles queriam isto, sim, destruir a ponte de madeira sobre o Rio Tauari Grande, para impedir o acesso a suas terras".

As notícias dando conta de que diversas casas foram queimadas pelos Tembés, também foi devidamente esclarecida quando os índios denunciaram que os ranchos foram queimados por colonos enfurecidos. Neste domingo passado, os índios foram ouvidos pelos antropólogos e, na gravação que foi apresentada ontem no Sindicato, diversos líderes da comunidade Tembé denunciaram que a Funai havia adiado novamente as medidas para a retirada definitiva dos invasores da reserva indígena.

Os índios estão indignados com o crescente apoio aos fazendeiros e, conforme declarações, estão dispostos a "endurecer" com os fazendeiros que continuam derrubando e formando novas frentes de trabalho em terras dos Tembés. Na gravação, os índios contam que "o trabalho das derrubadas" já é possível ser ouvido de suas próprias casas. A comunidade se reuniu em assembléia e, depois de várias deliberações, decidiram queimar a ponte ou derrubá-la com motoserras.

Nove índios foram destacados para esta missão. Estes seguiram naquele dia, em companhia de dois soldados da PM que depois, já em Capitão Poço, prendeu os índios no pátio da delegacia das 9 horas da manhã até às 16 da tarde. Segundo depoimentos, os índios pediram para que os soldados fizessem uma comunicação com a Funai, ligação telefônica que não foi efetuada. No entanto, ainda segundo depoimentos dos Tembés, os soldados fizeram uma ligação com seus superiores que deu ordens para que os índios fossem soltos. Na gravação, um índio brinca com um PM que teria dito: "voços devem respeitar a lei" e um dos índios retrucou: "primeiro vocês devem saber que a lei não permite prender o índio".

Várias ameaças de morte foram denunciadas pelos Tembés aos antropólogos que fizeram a gravação com os líderes. Disseram que a comunidade "apesar de tudo está bastante calma e que os índios estão intrigados com a presença cada dia mais numerosa de colonos dentro de suas terras".

Os índios estão exigindo medidas urgentes da Funai para que não se repita no futuro os mesmos incidentes verificados na Reserva dos Gorotire. Eles querem que haja a retirada imediata dos grandes invasores, dentre eles os proprietários da Fazenda Mejer. Que a estrada que atravessa a reserva seja interditada e a ponte derrubada. Depois, exigir a retirada dos colonos e lutar com eles para que todos sejam reassentados em outras terras.

Os invasores da reserva Tembés, segundo lista dos índios são: Banco Denasa de Investimentos; recebeu da Cidapar, Cia de Desenvolvimento Agropecuária Industrial e Mineral do Pará, no dia 11 de agosto de 1979, mais de 300 mil hectares, parte das quais pertencem à reserva indígena, entre rio Piriá e Icoaraci, dentro da parte central da reserva.

Outro invasor: Fazenda Mejer, de propriedade de Mejer Kafaczniak, conhecida como a fazenda "Irmãos Coragem" que dividiu a parte noroeste da reserva utilizando-a para pastagens. De 1978, até ontem, foram efetuadas quatro linhas de demarcação, ora diminuindo, ora aumentando a terra da fazenda, que até recebeu da Funai, autorização para traçar uma estrada pela reserva.

Fora os fazendeiros, os índios listaram mais de 500 famílias que invadiram suas terras e no momento estão formando roças em suas terras. Os índios denunciaram ainda que toda a região entre o Rio Guamá e Piriá, do lado oeste da reserva, está ocupada pelos posseiros.

Na reunião de ontem no Sindicato dos Jornalistas, participaram o padre Nello Rufaldi, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi); Anaíza Vergolino, professora de Antropologia da UFFa e vice-coordenadora do Grupo de Apoio ao Índio (GAI); Antonio Carlos Magalhães, coordenador do GAI e antropólogo e Heraldo Maués, da Associação Brasileira dos Antropólogos.